

Para entender as intervenções em Educomunicação: definição do campo e contribuições de precursores

Denise Lino Araújo¹
Lígia Beatriz de Carvalho²

235

Resumo

Este artigo, que é uma revisão sistemática, se propõe a ser um texto introdutório sobre campo dos estudos educomunicativos. Para isso, apresenta três temáticas fundamentais à sua compreensão, a saber: (1) o conceito de Educomunicação como área de estudo; (2) contribuições de quatro dos precursores desse campo, a saber: Freinet, Freire, Kaplún e Hall; e (3) o conceito de intervenção educomunicativa, que é o modo de atuação profissional. Argumenta-se que como campo de estudos está sintonizado com a ciência pós-moderna que surge a partir de temáticas e não por disciplinas. Assim sendo, a Educomunicação está vinculada a um novo paradigma de Educação e de Comunicação.

Palavras-chave

educomunicação; precursores; intervenções educomunicativas.

Recebido em: 14/04/2026
Aprovado em: 27/04/2026

¹ Professora Titular da Unidade Acadêmica de Letras da UFCG, onde atua como docente na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino. Tem formação em Linguística Aplicada (LA), numa vertente mestiça e indisciplinar, construída no Pós-doutorado em Educação, feito no GECC FAE/UFGM, 2012-2013; no Doutorado em Educação, USP 2004; no Mestrado em LA, pela Unicamp, em 1995; na Especialização em LA pela PUC MG, em 1993, e na graduação em Letras/Português, pela UFPB em 1991. E-mail: denise.lino@professor.ufcg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5426-340X>.

² Pós Doutora junto ao Programa de Doutorado Interuniversitário em Comunicação da Universidade de Huelva (UH), Espanha (2022). Doutora em Educação pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (2012). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Rádio e TV, Universidade de São Paulo (1984). Pedagoga pela Universidade Sagrado Coração (2012). Professora Associada da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: julia.satiro@educacao.mg.gov.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3807-3064>.

Understanding educommunication interventions: defining the field and the contributions of its pioneers

Abstract

This article, a systematic review, aims to be an introductory text on the field of educommunicative studies. To this end, it presents three fundamental themes for its understanding: (1) the concept of Educommunication as a field of study; (2) contributions from four of the precursors of this field: Freinet, Freire, Kaplún, and Hall; and (3) the concept of educommunicative intervention, which is the mode of professional practice. It argues that, as a field of study, it is aligned with postmodern science, which emerges from themes rather than disciplines. Therefore, Educommunication is linked to a new paradigm of Education and Communication.

Keywords

educommunication; precursors; educommunication interventions.

Introdução

Um percentual significativo dos ingressantes no curso de bacharelado de Comunicação Social com ênfase em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande desconhece os conceitos inerentes a essa linha de formação. Os calouros acedem ao curso pensando tratar-se de um curso de jornalismo ou publicidade e propaganda.

Essa situação real inspira a produção deste ensaio que se propõe a ser um texto introdutório sobre campo dos estudos educacionais. Para isso, organiza-se em três seções de conteúdo que trazem: primeiro, revisão do conceito de Educomunicação como campo de estudo (Soares, 2014a; Almeida, 2024; Xavier 2015 e 2022). Mostra-se importante revisar o conceito, pois, por ser esse um campo de estudos, pesquisa e atuação profissional ainda recente e com apenas dois cursos de graduação no Brasil³, faz-se necessária ampla divulgação, a fim de que o estranhamento mencionado acima se desnaturalize pela diluição da prevalência de um conceito cristalizado de comunicação social. A seção seguinte traz a indicação de contribuições de alguns dos precursores desse campo. Serão destacadas as contribuições de Célestin Freinet (Santos, 2011) Paulo Freire (Ribeiro, 2013), Mário Kaplún (Bona, at al 2007) e Stuart Hall (Costa, 2012). Por fim, na terceira seção de conteúdo, será apresentado o conceito de intervenção educacional (Almeida, 2024) relacionando-o às contribuições apresentadas na seção precedente. Além dessas três seções, este ensaio traz esta seção de abertura à guisa de introdução; uma seção de considerações finais, seguida da listagem das referências.

1. Definição

Para começar, o que é Educomunicação? A resposta a essa questão pode ter diferentes pontos de partida. Para este texto, escolhemos três. Primeiro, a definição de Soares (2011 e 2014) pesquisador responsável pela consolidação do

³ Reportamo-nos ao curso de Bacharelado em Comunicação Social, com ênfase em Educomunicação, do Centro de Humanidades/Universidade Federal de Campina Grande, e ao de Licenciatura em Educomunicação, da Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo. Para saber mais, veja depoimento de Ismar Soares, disponível no Curso Educomunicação & Clima: Precisamos conversar sobre emergência climática, disponível na plataforma AVA MEC <https://avamec.mec.gov.br/>, acesso em 10/02/2026.

campo como objeto de estudo científico. Depois, a definição de Almeida (2024), em publicação destinada à leitura introdutória sobre o tema. E, por fim, Xavier (2015 e 2020) por trazer uma definição que dá relevo a práticas escolares.

Soares (2014, p. 17, com grifos do autor) apresenta uma definição bastante abrangente. Para esse autor, Educomunicação remete a:

[...] conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a: (1) criar e a fortalecer “ecossistemas comunicativos”, qualificados como abertos e participativos, garantidos por uma gestão democrática dos processos de comunicação nos diferentes ambientes de relacionamento humano (envolvendo, no caso, em igualdade de condições, a comunidade como um todo, seja ela educativa ou comunicativa); (2) *ampliar o potencial comunicativo e as condições de expressividade dos indivíduos e grupos humanos*, mediante práticas culturais e artísticas, assim como através do uso dos recursos disponibilizados pela era da informação, tendo como meta prioritária o reconhecimento do protagonismo infantojuvenil; (3) favorecer referenciais e metodologias que permitam às comunidades humanas relacionarem-se, enquanto sujeitos sociais, com o *sistema midiático* (cf. Soares, 1999 e 2011).

Do conceito acima, destacamos que a Educomunicação se materializa através de um conjunto orgânico de atores protagonistas definido como ecossistema educamunicativo. Essa demanda ações que envolvem um “ciclo vital” que começa com o planejamento, passa pela implementação e chega à avaliação em torno de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer o próprio conjunto, cuja conceituação difere do que conhecemos como sistemas comunicativos, no sentido *strito e lato* do termo. No primeiro sentido, quando colocamos em referência os sistemas de comunicação midiática, que são conglomerados financeiros, hierarquizados e unilaterais quanto à participação do interlocutor ouvinte, leitor ou internauta na construção da comunicação. No segundo sentido, quando colocamos em pauta sistemas comunicativos das instituições próprias das metanarrativas da sociedade capitalista: empresas, partidos políticos e religião, caracterizados pela hierarquia. A diferença está na horizontalização dos ecossistemas, que são abertos, participativos e democraticamente geridos. Ou seja, um desafio para qualquer um de nós, cujas

experiências, não raro, estão vinculadas aos outros dois modelos. Além disso, esses ecossistemas, por não estarem presos a determinadas esferas sociais, podem se adaptar a diferentes ambientes e temáticas humanas.

Dando prosseguimento, sublinhamos que o conceito reconhece como condição prévia o potencial comunicativo e de expressividade humana, mas visa ampliar tanto um como outro, através de práticas, i.e, através de modos de fazer artísticos, culturais e de recursos informacionais. Em outras palavras, não são apenas os recursos tradicionais e hegemônicos que são válidos, esses também, mas sobretudo práticas que advêm das experiências dos grupos sociais de referência. Com isso, a meta volta-se ao protagonismo infanto-juvenil, num reconhecimento da potência de percepção de mundo própria dessa faixa-etária e do seu lugar de destaque numa sociedade inclusiva. Por fim, a Educomunicação para Soares se coloca como campo mediador, pois visa favorecer referenciais e metodologias que possam intermediar a comunicação entre sujeitos sociais e sistemas midiáticos. Nesse sentido, essa mediação é fundamental para questionar, propor e alterar a relação vertical entre os sujeitos sociais e a mídia, melhorando, com isso a participação democrática.

De acordo com Almeida (2024: 11-13),

Educomunicação é um campo de conhecimento com identidade própria, que surge em um espaço em que os campos da educação e da comunicação se entrecruzam, sobrepõem-se. [...] educomunicação é campo de conhecimento de recente consolidação, surgido da interface dos campos da Comunicação e da Educação. Dependendo da forma como cada sociedade vem tratando a temática, condições peculiares se formam. Consequentemente, a interface vem sendo abordada sob diferentes perspectivas, conforme as condições culturais e econômicas de cada região. A educomunicação preocupa-se com a comunicação e com a educação, de forma ampla. Não se trata apenas da educação escolar, mas daquela que ocorre em diversos ambientes, incluindo as comunidades, as empresas e a mídia.

Parece óbvio, mas é importante destacar a primeira informação que se pode depreender da definição acima: Educomunicação é um campo de interface entre a comunicação e a educação. Nesse sentido, é um campo de estudo como vários outros surgidos no final do século XX, resultante da superação das fronteiras disciplinares, como a Economia Comportamental, que reúne estudos da economia e da psicologia, para citar apenas uma no âmbito das Ciências

Humanas. Nesse sentido, o campo em tela se alinha ao que Santos (2004) define como a ciência pós-moderna: uma ciência temática e não disciplinar.

Sobre isso Soares (2011, p, 17), afirma:

Ainda que se entendam, ambos [comunicação e educação], como fenômenos distintos, a interconexão entre eles é requerida pelas próprias exigências da vida em sociedade. No confronto ou na cooperação, constroem, um ante o outro, juízos de valor e indicadores de avaliação, permitindo que cada qual se distinga e se afirme socialmente.

240

Depois, é importante destacar que sendo um campo de estudo recente pode ainda haver alguma flutuação no modo de fazer, pois, conforme a Almeida (op. cit), “dependendo da forma como cada sociedade vem tratando a temática, condições peculiares se formam” e mais “a interface vem sendo abordada sob diferentes perspectivas, conforme as condições culturais e econômicas de cada região”. Em outras palavras, Comunicação e Educação quando conjugadas se adequam às condições culturais e reposicionam a interface.

Por fim, o destaque é para o tipo de educação focalizado. Não é a escolar, mas a atravessa e se realiza também na escola, no entanto se faz igualmente em outros ambientes de interação humana.

Para Xavier, Almeida, Nascimento (2015, 86-87)

A Educomunicação, área do conhecimento que estabelece um diálogo entre Educação e Comunicação, enfatiza a produtividade da utilização dos meios da esfera midiática como suportes didáticos. A ênfase está na preocupação em desenvolver no aluno a capacidade de se posicionar criticamente diante de sua realidade social. Trazer para o espaço escolar o uso de recursos midiáticos se justifica pela necessidade de se refletir sobre Educação e Comunicação, visto que ambas instâncias letradas, escola e mídia, buscam informar o indivíduo na perspectiva da formação, da construção identitária de um sujeito que pensa e que age ativamente na sua sociedade. Esta prática reforça a função pedagógica emitida pela produção de conteúdos informativos em textos midiáticos e estimula a formação de um sujeito crítico-reflexivo, objetivo principal da educação.

Tal como Almeida (2024), Xavier et al (2015) constroem o conceito de Educomunicação focalizando a intercessão entre os campos da educação e da comunicação, chamada pela primeira autora de *interface* e por esses outros de

diálogo. Os autores acima citados enfatizam a produtividade dos meios de comunicação midiática como suportes didáticos, ou seja, materiais adicionais, complementares, algo que, arriscamos dizer, nos livros didáticos do componente curricular de Língua Portuguesa, na educação básica, se observa de forma recorrente desde a década de 90 do século XX, através da presença de vários gêneros da mídia impressa e outros tantos da digital, colocados ora como objetos de leitura, ora como de produção textual. Para os autores em tela, essa utilização tem por objetivo contribuir para que o aluno se desenvolva como sujeito crítico. A justificativa que apresentam para tal envolve a construção identitária que é alvo de disputa pelos meios de comunicação de massa e demais instituições sociais, para o que pode a Educação contribuir propondo uma formação crítica.

Sobre esse conceito, vale a pena trazer o esclarecimento que dá o próprio Xavier (2020: 79), nas seguintes palavras:

Educomunicação não significa transpor a mídia para a prática docente em uma perspectiva ingênua de conduzir de um lugar para outro. A relação dialógica entre essas áreas ocorre quando, de forma situada e cumprindo fins específicos de aprendizagens, a utilização dos meios e/ou a produção destes, no espaço educativo, funciona com o fito de formar para a cidadania, de colaborar com a formação crítica, através de uma mídia que educa (ou que se presta a) e de uma educação que informa.

O conceito e o esclarecimento apresentados (Xavier et al 2015; Xavier, 2020) dão relevo à escola como espaço educ comunicativo por excelência, diríamos; isso corrobora o foco no protagonismo infanto-juvenil destacado por Soares (2014), acima citado, e encontra respaldo na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), ao propor o campo jornalístico-midiático como um campo de estudos do componente Língua Portuguesa, que é o primeiro a ser apresentado e o que tem o maior número de habilidades em todas as séries da educação básica.

A Educomunicação, como qualquer campo de estudo, chega à consolidação de sua conceituação após o trabalho (por vezes longo, árduo e sinuoso) de vários estudiosos que contribuem em momentos diferentes e lugares distintos. Na maioria das vezes, só posteriormente, os pesquisadores engajados como o tema conseguem fazer uma arqueologia de contribuições diversas, desencavando e conectando contribuições de diversos estudiosos. A seção a

seguir, revisita o passado e tem por objetivo indicar e conectar alguns precursores da Educomunicação.

2. Precursores

De acordo com o dicionário Houaiss (2001), o substantivo sincronidade diz respeito à qualidade do que é sincrônico. Porém, já pertencente ao senso comum, esse termo alude ao conceito jungiano que diz respeito a um estado psíquico e uma situação externa não vinculados de modo causal, mas que coligidos podem gerar uma compreensão ampliada da realidade. É nesse sentido que vamos apresentar algumas contribuições de quatro pensadores, que viveram entre o século XX e o começo deste século XXI, cujos estudos e propostas de atuação social são tomados como fundamentos para intervenções educacionais.

Inicialmente, convocamos para este texto o educador francês Célestin Freinet, entendendo-o como um precursor da Educomunicação. Para situá-lo cronologicamente, buscamos na Wikipédia (2026a) informações sobre sua biografia. Essa fonte informa que ele viveu entre 1896 e 1966, foi um pedagogo e anarquista francês, uma importante referência para a pedagogia de sua época, cujas propostas continuam a ter grande ressonância na educação dos dias atuais. Freinet esteve no campo de batalha em duas grandes guerras e acabou sendo ferido, perdendo grande parte da sua capacidade pulmonar, o que o impedia de falar por muito tempo. Como professor, ele teve que se reinventar, criando métodos de construção de conhecimento não transmissivos. Ele acabou tornando-se precursor do uso de mídias na educação (Freinet, 1977) sendo reconhecido pela composição do jornal escolar (Freinet, 1974).

De acordo com Santos (2011:1), as experiências desse educador servem como referência para os estudos na área da educação, comunicação, pedagogia e também nos colóquios contemporâneos de Educomunicação.

De forma sintética e com base na autora acima citada (op. cit), a proposta desse educador alude à uma pedagogia coletiva e militante, que começa com a experiência em escolas rurais que acolhiam alunos das classes populares, no sul da França, e depois expande-se para várias outras localidades. O foco era a elaboração das narrativas coletivas, dos textos livres e as aula-passeio, ou seja, as

observações que fomentavam essas produções textuais, algo completamente inovador para o seu tempo e ainda hoje, talvez.

Afora isso, o método envolvia dois grandes pilares: (1) correspondência escolar com alunos de outras escolas, destacando o potencial pedagógico e político dessa interação não presencial e (2) jornal escolar, espaço da publicação dos textos livres produzidos pelos alunos. Assim, através da correspondência epistolar os alunos estabeleciam vínculos horizontais de interação e colaboração com interlocutores fora da escola e, através do jornal, esses mesmos vínculos se reconstruíam para o trabalho em grupo, regidos pelo professor, que horizontalmente também se colocava na equipe enquanto a mediava.

Nesse sentido, podemos apontar que a proposta de libertação de exercícios de memorização que tolhiam a expressão dos alunos poderia hoje ser associada a uma Pedagogia por Projetos (Bender, 2014), no sentido de que as aulas-passeio não eram meramente recreativas, mas momentos de observação motivados por uma questão, ocasião de “coleta de dados”, de confronto com a realidade e de admiração da natureza para posterior discussão e ordenação dos aprendizados em textos livres, no sentido de que cada aluno produzia o seu, seguindo a tríade: ter o que dizer, para quem dizer e saber como dizer (cf. Geraldi, 1991).

De modo conciso, podemos apontar que a observação, a interação entre pares, a construção de mídia alternativa e liberdade de expressão textual e artística, entre outros, são contribuições de Freinet para as intervenções educacionais.

Mantendo-nos no campo de educação, outro precursor da Educação é o brasileiro Paulo Freire, que viveu entre 1921-1997, e é o patrono da educação no país. Há em português diversas biografias sobre ele, dentre as quais destacamos a de sua autoria: *Cartas a Cristina* (Freire, 2021). Para sublinhar a importância desse autor para o campo em apreciação, podemos afirmar que a sua própria vida e militância por uma educação libertária (1987), sobretudo quando vivida junto às classes populares, é uma contribuição significativa.

Um resumo do seu pensamento libertário e anti-opressivo, na escola e na sociedade, pode ser vista no clássico *Pedagogia do Oprimido* (1987:165-184), do qual destacamos a sua teoria da ação dialógica (TDA), cujas características são: a co-laboração, ou seja, o trabalho conjunto mediado pelo diálogo; a união, “forma de ação cultural através da qual [os grupos] conheçam o *porquê* e o *como*

de sua aderência à realidade” (p.170), leia-se como o reconhecimento do pertencimento a uma classe social; a organização, que é o processo através do qual a liderança e o povo fazem juntos o aprendizado da autoridade e da liberdade para transformar a realidade; e, por fim, a síntese cultural que diz respeito à construção de pautas de estudo, investigação e ação a partir da ação reivindicativa do povo e sua problematização.

Focalizando a contribuição desse autor para os estudos de comunicação e mais especificamente os de Educomunicação, Ribeiro (2013: 79) destaca que “as ideias de Freire tiveram um grande impacto sobre as teorias da comunicação” ao contribuírem para o questionamento da lógica da unidirecionalidade da comunicação, instigando o receptor a sair do lugar de passividade para o lugar da recepção atenta, engajada e de contrapalavra. De acordo com essa autora, a contribuição mais específica sobre o tema está no ensaio *Extensão ou Comunicação*, publicado originalmente em 1969, durante o exílio do educador no Chile, no qual a diferença entre comunicação e comunicado é problematizada.

A autora destaca (op. cit 88) que “para Freire, a comunicação não está na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato de compreender a significação do significado.” A autora destaca também (ibidem) que para o educador “a comunicação que insista na transmissão de significados, na extensão de conteúdos não pode esconder sua fase desumanista.” E arremata (Loc. cit, com grifos) sua síntese com a seguinte citação: “O comunicador comprometido com as transformações radicais deve, antes de tudo, crer no povo, nos homens simples, na sua capacidade de pensar e construir o mundo criticamente, e comungar com eles e com eles *pronunciar o mundo*”.

Nesse sentido, inferimos que, tal como na proposta de Freinet o professor não perde o seu lugar, mas o reconfigura, na de Paulo Freire, ocorre o mesmo como o comunicador, que reconfigura o seu lugar, seu modo de dizer e seus interlocutores.

E, quanto às contribuições desse brasileiro para a Educomunicação, podemos dizer que todo o seu pensamento e sua militância à inspiram. Para as finalidades deste ensaio, salientamos a TDA e a problematização da diferença entre comunicação e comunicado.

Dando prosseguimento a esse giro de autores, começando na França, vindo para o Brasil, passamos para a Argentina, com uma breve apresentação da

enorme contribuição de Mário Kaplún à Educomunicação. Sobre ele, a Wikipédia (2026b) afirma que viveu entre 1923 e 1998. Portanto, um contemporâneo de Paulo Freire e, nesse caso, a ideia de sincronicidade parece uni-los de forma muito significativa, seja pelos ideais, propostas ou militância.

Essa enciclopédia digital informa ainda:

foi educador, radialista e escritor. Promoveu o conceito de comunicação transformadora em oposição à comunicação bancária. Inventou o termo “educador” para designar o ator social atuante na interface entre a Comunicação e Educação, sobretudo em atividades sociais, jornalismo comunitário, imprensa alternativa e comunidades periféricas. O termo educador inspirou o nome do novo campo Educomunicação. (Wikipédia, 2026b).

Esse breve perfil já leva ao destaque de que, diferentemente dos dois outros autores acima citados, cuja atuação era a educação, falamos agora de um profissional da comunicação. Isso é interessante, pois reforça a interface entre Comunicação e Educação. Enquanto Freinet e Freire olham a comunicação a partir da educação, Kaplún o faz de outra perspectiva.

De acordo com Bona, Contecote e Costa (2007: 169),

verificar a inter-relação entre comunicação e educação é, obrigatoriamente, passar os olhos na produção de Mario Kaplún. (...) [Ele] é um dos pensadores que não podem ser lidos no papel. Sua vida é retrato de sua caminhada reflexiva e seu marco é a pesquisa que começa na prática, nas dores cotidianas e nas lutas de diversos grupos populares para depois se transformar em material sistematizado, “manualizado” e que possa ser utilizado por outrem.

A contribuição desse autor para o campo em apreço é tão decisiva que qualquer síntese será mero recorte, a partir de um ponto de vista. Ciente disso, vamos resumir as ideias apresentadas pelos autores acima, a partir de uma biografia que focalizou o trabalho desse radialista argentino. Segundo eles, o primeiro olhar de Kaplún para a área da comunicação foi em direção ao rádio, como ouvinte, acompanhando as transmissões, quando criança e adolescente. Depois, ainda muito jovem, aos 19 anos, ele começou a escrever programas de rádio numa vertente unilateral, mas da qual resultou a percepção de “um atalho para o casamento entre educação e comunicação: os roteiristas não faziam adaptações didáticas e os educadores não tinham o conhecimento técnico do

rádio para poder aproveitá-lo para fins educacionais” (p. 170). Com isso, o elo estava formado para a atuação quer como radialista, quer como docente; experiência essa desenvolvida na maturidade e com várias passagens por universidades brasileiras e outras latino-americanas.

No texto, os autores explicam que Kaplún concebia os meios de comunicação como instrumentos de educação popular e fomentadores de um processo educativo transformador, pois entendia a expressão “comunicação” como derivada de comunidade, de comunhão, que expressava algo que se compartilha, que se tem ou se vive em comum.

Esse comunicador argentino foi pioneiro em formatos de programas que envolvem o engajamento do público, muito antes das redes sociais. De acordo com os autores (op. cit: 172), pode ser colocado nessa lista o programa de rádio Jurado 13, que abordava temas de interesse social. O modelo, inspirado em cena de júri com 12 jurados presenciais, tinha um a mais e externo. Este era a audiência, o ouvinte engajado. Para o desenvolvimento desse programa, o autor viajou não só por seu país de origem, mas também por 7 países da América Latina, a fim de entender as problemáticas locais e colocá-las para a discussão. Esse modelo alcançou enorme sucesso à época, sendo transmitido por mais de 600 emissoras e traduzido para o português, quechua e o aymara.

Dentre as inúmeras contribuições ao campo da Comunicação Social, da atuação acadêmica e do engajamento político, a proposta do cassete-fórum é considerada muito importante por seu potencial disruptivo para os anos 70, período de expansão das ditaduras em toda a América Latina. De acordo com os autores aqui referenciados (op. cit 176), trata-se de um sistema de intercâmbio entre comunidades, através de fitas cassete gravadas por elas mesmas com mensagens e conteúdos diretamente relacionados aos seus interesses. Dizem os autores que se trata de um método (p. 176) “desenhado para promover a auto-gestão e a organização comunitária”, nas palavras do Kaplún “foi aplicado com sucesso em diferentes contextos, de ação popular e de educação para adultos, em contextos que necessitavam realizar reflexões e ações em conjunto.”(p.176)

O funcionamento desse método se dava em quatro etapas, desenvolvidas após acordo prévio entre duas comunidades. Primeiro, as duas recebiam ao mesmo tempo a fita cassete com mensagem gravada pelo grupo interlocutor, que era ouvida coletivamente, fomentando a discussão sobre o que fora dito. Logo após, como segunda etapa, os grupos separadamente tentavam responder às

perguntas constantes ao final da mensagem, gravando-as no outro lado da fita, que era remetida ao grupo interlocutor. Então, começava a terceira etapa, na qual, de modo coletivo, discutiam-se respostas e se elencavam pontos de vistas sobre o que fora ouvido. Esses eram registrados em outra fita, que era mais vez remetida ao grupo interlocutor. Por fim, na quarta etapa, ao receber novamente a fita, cada grupo tinha acesso às impressões do seu interlocutor e poderia dar continuidade à discussão, se necessário, ou dar início a um outro tema de discussão.

Com isso, observamos que o método promove o engajamento e a escuta ativa, posturas fundamentais à atitude de co-laboração, para usar um termo de Paulo Freire. Do ponto de vista contextual, vemos que a proposição é própria de um momento em que as comunicações ainda eram bilaterais, mesmo que as posições de emissor e receptor já tivessem sido problematizadas e reconfiguradas pelos estudos em comunicação, mas, à época, a tecnologia tinha seus limites. Do ponto de vista epistemológico, vemos que a proposição se aproxima do método Delphi de pesquisa (Antunes, 2014).

Em suma, a contribuição de Kaplún para a Educomunicação pode ser apontada como tendo foco na comunicação midiática, no trabalho coletivo, dialógico, com protagonismo dos atores em espaços alternativos ou com grupos periféricos, participação democrática na produção comunicativa, com ênfase na sua dimensão política e, o mais interessante, potencial de replicação (vide os exemplos Jurado 13 e Cassete Foro).

Por fim, dentre os precursores que queremos apresentar, fazemos a viagem ora empreendida retomar o sentido norte e encontrar os estudos do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, na Inglaterra. Seguindo o mesmo percurso de procurar saber de quem se trata, buscamos na Wikipédia (2026c) o perfil desse estudioso. Nesse repositório, há um longo perfil sobre ele, do qual escolhemos destacar que viveu entre 1932 e 2014, tendo nascido na Jamaica, sob domínio do Reino Unido, para onde se mudou em 1951 e lá permaneceu até a sua morte. E, aqui, já sublinhamos o fato de Hall ser um sujeito que nasceu e viveu uma boa parte de sua vida num país colonizado, o que parece influenciar decisivamente sua obra, a exemplo que se vê em *Quem precisa de Identidade?* (Hall, 2000), um ensaio no qual afirma:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de

Neste ensaio, focalizamos a contribuição desse teórico para os estudos da recepção, parte fundamental de qualquer estudo sobre comunicação, a partir do texto de Costa (2012). Esse autor apresenta a proposta de Hall para o modelo “encoding/decoding in television discourse”, no qual são defendidas três categorias semiológicas, articuladas à noção marxista de ideologia, perceptíveis em experiências de recepção, a saber: leitura dominante ou preferencial, negociada e de oposição. No primeiro caso, o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências de construção. Já no segundo, o sentido da mensagem entra em negociação com as condições particulares dos receptores. E no terceiro, o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa.

Com isso, a contribuição de Hall influencia os estudos culturais e na sequência os estudos sobre comunicação social que passam a entender a recepção não como reprodução, mas produção de sentidos. Algo que pode ser associado ao que fora dito antes por Freinet, quanto à livre expressão de seus alunos no âmbito de uma mesma experiência; por Freire, quanto à síntese cultural; e por Kaplún pelo que postula nos dois exemplos citados. A recepção construída como interlocução se mostra também no estudo de Fígaro (2000), no qual a autora demonstra, que a recepção não é acrítica e, para isso, a escola se mostra como uma mediadora social de fundamental importância na construção desse processo. Com isso, fica também ratificado do que foi dito anteriormente por Xavier (2015 e 2020), quanto à escola, por Soares (2014), quanto ao ecossistema educacional.

Outra contribuição importante de Hall, apontada por Costa (op. cit), para os estudos da comunicação social e, acrescentamos para a Educomunicação, é da falsa dicotomia entre erudito X popular X de massa. Partindo de premissas dos estudos culturais que enxergam as complexidades e as lutas cotidianas dos sujeitos, a cultura é vista como um *blending* e espaço de disputas. Por fim, Costa (op. cit: 118) destaca uma contribuição fundamental decorrente dos estudos do pensador jamaico-britânico, qual seja a de que “não basta ver as mensagens veiculadas pela indústria cultural, nem tão pouco como são produzidas, mas pensá-las em suas significações concretas, usos e desusos.”

Resumindo, as contribuições desse autor para a Educomunicação podem ser apontadas na desconstrução da recepção como produção acrítica, mas como processo de significação, e na desconstrução de culturas rigidamente separadas. Ao contrário! O tensionamento e ressignificações entre elas é constante.

Para concluir esta seção, cabe ainda o destaque de que Freinet, Freire, Kaplún e Hall têm suas biografias conectadas à sua obra e militância, sendo pessoas que conhecem a força da hegemonia, mas também a potência da contrapalavra, lugar que ocuparam como pensadores.

Na seção a seguir, vamos focalizar as intervenções educacionais e relacioná-las às contribuições acima apresentadas.

3. Modo de atuação

A questão-guia desta seção é: como atuar no campo da Educomunicação que é por natureza coletivo e do coletivo?

A proposta de Almeida (2024: 12) é que esta atuação se faz através das intervenções educacionais. Diferentemente do que se possa pensar, intervir no âmbito dos estudos educacionais não significa interferir, mas sim, conforme se pode ver no dicionário Houaiss (2001), significa mediar.

Para melhor entender esse conceito, cabe destacar que à Educomunicação interessam situações sociais nas quais a condição humana está aviltada; então, conflitos de todas as naturezas, irregularidades, explorações, silenciamentos e supressão de direitos (cf. Almeida, 2024), ou ainda, situações nas quais o “contraditório” não é apresentado são potenciais espaços de atuação. Isto posto, intervir significa atuar para coordenar vozes, promover leituras, amplificar discursos (cf. Xavier, 2020); ou ainda promover táticas discursivas de sobrevivência, desnaturalizar o discurso de redução de danos, problematizar a complexidade; desnaturalizar a virtualidade do humano, trazendo a sua relação com o existente e destacando os vínculos do seu grupo de pertencimento (cf. Brianezi, 2025).

Nesse sentido, de acordo com Almeida (2024: 39), o educador atua como mediador de conflitos, presta assistência e gerencia relacionamentos, através das intervenções que, em alusão à Certeau (2000), são modos de fazer situados, singulares e irrepetíveis.

Ainda para a autora citada (2024:32),

as intervenções procuram fornecer subsídios para o *pensar diferente*, que impulse a ação e a mudança – de um estado A, para um estado B. A compreensão das dimensões sociais, políticas, ideológicas, culturais e econômicas permite intervir educativamente, permite impulsionar o agir, motivando o enfrentamento coletivo de problemas comunitários. O foco na intervenção educativa orienta-se principalmente para a escola, a mídia e o terceiro setor.

E para Soares (2011:49),

“intervenção” significa o novo. (...) Em outras palavras, estamos falando de certa pedagogia de projetos que permite que mesmo ambientes fechados e rígidos [como as escolas] possam ser beneficiados pela brisa educativa, desde que docentes ou agentes culturais eficientes e bem treinados se disponham a mobilizar colegas e estudantes em torno de determinadas zonas de interesse.

Ou seja, intervir significa organizar um conjunto de ações, processos e experiências que levem os participantes a tomada de consciência do mundo, do seu lugar de pertencimento e a relação destes com o estar no mundo, e propicie que esses integrantes exponham sua visão de mundo, contribuindo assim para a diversidade que é própria da vida em sociedade.

Segundo Almeida (op.cit 39-74), essas intervenções estão organizadas em sete áreas, a saber: 1) educação para a comunicação, com foco na formação de cidadãos críticos para a convivência com a mídia; 2) pedagogia da comunicação, que considera produção midiática que circula no âmbito dos conglomerados midiáticos e outros setores marcada por intencionalidade educativa; 3) gestão da comunicação, que visa à implantação e à manutenção de ecossistemas comunicativos; 4) mediação tecnológica na educação, que se preocupa com a incorporação das tecnologias da informação e da comunicação nos processos educativos; 5) produção midiática educativa, voltada para ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educativos; 6) expressão comunicativa por meio da arte, voltada para expressão comunicativa por meio da arte; e 7) epistemologia da educação, cujo foco volta-se para a origem, a natureza e a validade do conhecimento sobre educação para a sociedade.

Em uma intervenção educ comunicativa, as contribuições de precursores estarão presentes, com maior ou menor intensidade, a depender do ecossistema comunicativo com suas especificidades e demandas, bem como do projeto, que é sempre singular. Assim, quando uma intervenção leva em conta a observação, conecta-se à influência de Freinet, acima citado. Quando a tomada de consciência é o foco, associa-se à TDA de Paulo Freire e à problematização dos conceitos de comunicado e comunicação. Se a proposta suscita postura ativa dos participantes, vincula-se aos exemplos de Kaplún, para quem a comunicação não é uma via de mão única. E, quando se volta para a recepção, inspira-se na proposição de Hall, para quem a recepção é processual e construída pelas interações do sujeito com outras culturas, o que favorece a uma leitura de negociada ou de oposição, embora possa ser também a dominante.

É importante deixar claro que uma mesma proposta de intervenção educ comunicativa recebe e coloca em funcionamento a influência de mais de um desses precursores. O amálgama, o crochê, a trança, o *pachwork* ou o mosaico são boas imagens para definir o modo de fazer do educ comunicador.

Isto posto, passamos às considerações finais.

Considerações Finais

A revisão sistemática apresentada neste artigo se propõe a ser uma compilação introdutória de estudos ao campo da Educomunicação, para isso parte de um exemplo real relativo ao significado deste termo para um dado grupo social, para dizer que, de fato, esse é um campo de estudo pouco conhecido. Trata-se de um campo recente, postulado no final do século XX (cf. Soares, 2011), e sintonizado com as demandas da ciência pós-moderna que emerge a partir de articulações.

Para entender esse campo, é importante compreender a sua definição como campo de interface e, como tal, recebe influências diversas. Especificamente para este ensaio, destacamos as contribuições de quatro estudiosos, dois da educação, um da comunicação social e outro dos estudos culturais para demonstrar que, de forma sinérgica, os estudos (e a vida) desses pensadores contribuem para a postura de observação respeitosa, escuta ativa, atuação propositiva e democrática nas esferas sociais, bem como ressignificação de sentidos, mensagens e discursos. Características essas que nos parecem intrínsecas ao modo de atuar dos educ comunicadores.

Por fim, cabe apenas dizer que a Educomunicação integra novo paradigma de Educação e de Comunicação.

Referências:

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. *Projetos de intervenção em educomunicação* [recurso eletrônico] / Lígia Beatriz Carvalho de Almeida. – Campina Grande: EDUEFCG, 2024. Disponível em: <https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/229>. Acesso em: 05 out. 2025.

Antunes, Marcelo Moreira. *Técnica Delphi: metodologia para pesquisas em educação no Brasil*. Rev. educ. PUC-Camp., Campinas, 19(1):63-71, jan./abr., 2014. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/edpuc/v19n01/v19n01a07.pdf> Acesso em 13 abr. 2026.

Bender, William. *Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI* Porto Alegre : Penso, 2014.

BONA, Nívea; CONTEÇOTE, Marcelo Luís; COSTA, Laílton. *Kaplún e a comunicação popular*. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, ano 11, n. 11, p. 169–184, jan./dez. 2007. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/277659009_Kaplun_e_a_Comunicacao_Popular. Acesso em: 05 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf Acesso em: 05 mar. 2026.

BRIANEZI, Thaís. *O que é o projeto Educom&Clima? Módulo 1 – Por que vivemos em emergência climática?*. Curso: Educomunicação e clima: precisamos conversar sobre emergência climática nas escolas. Plataforma AVA MEC. Disponível em: <https://avamec.mec.gov.br/#/instituicao/seb/curso/18407/unidade/14125/aceessar?continue=false>. Acesso em: 05 jan. 2026.

Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COSTA, Jean Henrique. *Stuart Hall e o modelo “encoding and decoding”: por uma compreensão plural da recepção*. Revista Espaço Acadêmico, v. 12, n. 136, set. 2012. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17673>. Acesso em: 09 fev. 2026.

FÍGARO, Roseli Aparecida Paulino. *Estudos de recepção para a crítica da comunicação*. Comunicação & Educação, n. 17, p. 37–42, 2000. Disponível em https://revistas.usp.br/comueduc/pt_BR/article/view/36895. Acesso em 12 nov. 2025.

- FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Tradução de Filomena Quadros Branco. Lisboa: Editora Estampa, 1974.
- FREINET, Célestin. *O método natural I: a aprendizagem da língua*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha prática*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 103–133.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 19, n. 2, p. 15-26, set. 2014.
- RIBEIRO, Fernanda Pereira. *Paulo Freire na comunicação e os meios de “comunicados”*. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 2, p. 78, dez. 2013. Disponível em <https://scholar.google.com/citations?user=gNP2Bw8AAAAJ&hl=pt->. Acesso em: 09 fev. 2026.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, Luciane Justus dos. *O jornal escolar e a livre expressão na visão de Célestin Freinet*. In: I FÓRUM PARANAENSE DE EDUCOMUNICAÇÃO, 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: 2011. Disponível in.: <https://www.jornalescolar.org.br/securefiles/arq-JUSTUS-L-o-jornal-escolar-e-a-livre-expressao.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2026.
- WIKIPÉDIA. *Célestin Freinet*. Wikipédia: a enciclopédia livre. 2026a. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9lestin_Freinet. Acesso em: 10 fev. 2026.
- WIKIPÉDIA. *Mario Kaplún*. Wikipédia: a enciclopédia livre. 2026b. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mario_Kaplun. Acesso em: 10 fev. 2026.

WIKIPÉDIA. *Stuart Hall*. Wikipédia: a enciclopédia livre. 2026c. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Stuart_Hall. Acesso em: 10 fev. 2026.

XAVIER, Manassés Moraes; ALMEIDA, Maria de Fátima ; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. A educomunicação e a perspectiva dialógica da linguagem: por uma educação midiática e uma mídia educativa. In: Roberta Soares Paiva; Rosângela Queiroz. (Org.). *O texto multifacetado: diálogos em língua e literatura*. 1ed. Campina Grande - PB: Bagagem, 2015, v. , p. 85-110.

XAVIER, Manassés Moraes. *Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva*. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFPG, 2020. 256p.